BOLETIM OFICIAL DOS QUATRO JUSTOS

DIREÇÃO DOS MESMOS — O BOLETIM DE MENOR TIRAGEM DO MUNDO

ABRIL DE 1947 — FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA — Nº - 2

C I C U T A D A...

COMODIDADES DO CINE RITZ

A. J. S.

Quem vai ao cinema procura por certo esquecer os dissabores do dia, fugindo à realidade e procurando viver um pouco no mundo dos sonhos e fantasias dos personagens. Mas para isso faz-se necessário que o cinema que se frequenta ofereça comodidades: poltronas bem distribuidas, facilitando a visão; boa ventilação, etc - o que não acontece com o Cine Ritz, aliás, com todos os cinemas de Florianópolis.

Na sessão das 6,30 horas (sessão chique do Ritz), os frequentadores precisam ser verdadeiros atletas para enfrentar os atropêlos da entrada. E isso acontece porque a má distribuição das cadeiras não oferece nenhum confôrto, visto que o espectador tem que se sentar de lado, para não bater com o joelho nos respeitáveis traseiros da senhora ou senhorita que esteja sentada à frente; as sessões não terminam na hora precisa para que as outras comecem na hora indicada e, não tendo aquele túnel (à guisa de sala-de-espera) comodidade bastante, os frequentadores vão-se aglomerando na entrada, e terminada a sessão anterior, aquilo se torna um verdadeiro inferno; gritos, empurrões, gargalhadas, uma verdadeira balbúrdia. Tudo porque os mais fortes, os mais espertos querem ganhar a dianteira, para alcançarem os melhores lugares, que são poucos.

Numa tarde, querendo fugir às intempéries, pois tudo na natureza indicava que íamos ter chuva, resolví ir a uma dessas malogradas sessões das 6,30 horas, do Cine Ritz. E, "azar meu", fui acompanhado de minha garota. Não sei por que lei de atração ou pressão, fomos parar no meio da multidão, que já se comprimia à entrada do referido cinema. Com os braços distendidos, eu procurava proteger a minha pequena, e, em dado momento, sinto algo morno e túmido roçar-me o cotovêlo direito. Não satisfeito com o contacto, procurei ver quem era a portadora de seio tão doce e meigo. E não foi sem esfôrço que consegui ver que era uma graciosa lourinha, que no momento sorria prazerosa, gozando, talvez, o contacto que não era muito afável, visto a situação em que me encontrava. Isso durou alguns segundos, mas me fez desejar que todas as entradas de cinema fôssem como aquela. Mas, para desfazer esta minha impressão, um cavalheiro, que se diz poeta, dá-me uma bruta cotovelada sôbre os rins, que, só em pensar, sinto arrepios. E eu que pensava serem os poetas pessoas delicadas!...

Cabe, pois, aos Estabelecimentos José Daux S/A -Comercial abandonar um pouco a sua ganância, retirar duas filas daquelas incômodas poltronas e distribuir as demais em condições que ofereçam boa visão e comodidades, evitando, assim, que os espectadores tenham que enfrentar êsses atropêlos e correr para alcançarem melhores lugares.

PÍLULAS LITERÁRIAS

"Quem come a minha carne e bebe o meu sangue terá a vida eterna" (J.C.)
Ora, quem come carne e bebe sangue humanos é antropófago, quer Deus queira, quer não.

A.J.S.

Se tivéssemos a faculdade de conhecer os sentimentos alheios... Quantos santos haveria no "Céu"?

A.P.

Uma mulher fala mais que cem homens e diz menos verdades que um papagaio.

S.M.

Não é preciso que ames o teu semelhante; basta que procedas de modo a não prejudicá-lo.

C.B.V.

É COSTUME DO LEITOR
DAR UM FIM DESOLADOR
A QUASI TODOS JORNAIS...

MAS LEITOR, NÃO SEJAS MÁU!
NÃO FAÇAS A ÊSTE JORNAL
O QUE SE FAZ AOS DEMAIS!..

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

TUDO O QUE CAI NA REDE...

Conto de C.B.V.

- Puxa que a dona tá te dando uma bola incrível, ein Alfredo?

- Também! Um canhão desse!

Os dois amigos conversam, enquanto caminham pela rua do "footing", acompanhando a multidão de rapazes e moças que formam a "fila dos que vão". Andam à procura de "material". A pequena de que falam é passável, não merece êsse pejorativo empregado por Alfredo. Está acompanhada de outra, que parece ser sua irmã. Os dois rapazes discutem:

- Canhão o que, Alfredo! Tu sempre com essa mania do esteta. Faz como eu, rapaz: aceito o que me aparecer. Prá mim, tudo o que cai na rede é peixe; até sapato!

A essa pilhéria, Alfredo solta uma gostosa gargalhada. E completa-a:

- Então vamos pegar elas, Fornalha. Mas c'uma condição: eu fico c'o "Peixe" e tu ficas c'o "Sapato".

Agora, são os dois que caem na gargalhada. Depois, Fornalha remata:

- Tá bem. Aceito. - E êles se atiram à conquista das pequenas. Estão loucos por mulher. E isso se pode ler em suas fisionomias. São jóvens. Não aparentam mais que dezenove anos. Agora, aproximam-se das garotas. Empertigando-se todo, Alfredo toma a ofensiva:

- Olha que beldades, Fornalha!

As moças riem, ao ouvirem - supõem êles - êsse apelido ridículo. Fornalha fica por conta com o amigo.

- Ora pírulas! Eu me chamo Clodoaldo e não Fornalha!

- Oh! Desculpa, Fornalha!

- Ó-ó-ó-ó diabo! Outra vez?

- Ora, ora!... Depois da gente pegar a mania de chamar outra pessoa pêlo apelido, é uma droga; já visse? E eu me vicíei a te chamar de For...

- Bom, bom, bom! Chega! É melhor tu pensar bem, antes de dizer o meu nome. Clodoaldo, tás ouvindo? Clo-do-al-do!

Entrementes, enquanto êles discutem, as garotas que êles estão seguindo desaparecem do alcance de suas vistas. Procuram-nas. Farejam todos os cantos da rua do "footing". Olham aquí e alí. Esticam o pescoço, para enxergarem por cima das cabeças que põem barreiras em seu campo de visão. Mas... nem sombra delas... Resolvem parar. É então que as pequenas tornam a aparecer. Ao vêlas, Fornalha treme da cabeça aos pés: É tímido. Com seu companheiro já não acontece o mesmo. Fica firme como um experimentado no assunto. As donas se aproximam. Uma delas, a que sugere a antonomásia de "Peixe", traz bordadas no peito da blusa as letras M, L e R - iniciais do seu nome, naturalmente. Os rapazes veem nisso um motivo para um comentário oportuno.

- Maria Luiza Rodrigues! - diz Fornalha, dirigindo-se à pequena. Há em sua voz uma ondulação emotiva, nervosa. Suas faces coram levemente.

- Não! - emenda Alfredo, com aquela velha calma de conquistador escolado - O nome dela é Maria Lúcia Ribas!

A pequena das letras M, L e R deixa fugir, por entre seus lábios pintados de carmim, um sorriso meigo, acolhedor. "Opa! Qué dizer então que a dona topa a parada!" E Alfredo, assim que as garotas passam novamente por êles, arrisca um novo galanteio, dirigido à "Peixe".

- Maria Lúcia! Lindo o nome dela, né? É êsse o seu nome, não é?

A pequena limita-se a sorrir. Sua colega também sorri. E é só... Caminhando sempre, elas desaparecem, no meio da multidão, que se diria mais compacta a distância. Nêsse ínterim, Fornalha, vermelho que nem um pimentão maduro, luta para dissimular o sua íntima agitação, exteriorizada agora em cada um de seus gestos. Tenta acalmar-se. Esforça-se por despir a mascara rubra da vergonha, que lhe embuça o rosto. Na próxima passada, a "Sapato" atira-lhe um olharzinho brejeiro, que faz voltar às boas o rapaz. Êle sente-se como um pinto, que, ao sair d'água, sacode as penas encharcadas. Encara firme a pequena. O "flirt" dura pouco. Ela se afasta num instante. Entretanto, na ânsia de se lhe tornar agradável dizendo qualquer galanteio, êle sai-se com esta frase romanesca e apoetada:

- Você é uma estréla que brilha no céu da minha vida!...

Coitado! A frase é tão comprida que a moça não chaga a ouvir metade dela. Um arrepio fica brincando com os nervos de Fornalha. A pouco e pouco, aquele estado de excitação torna a se apoderar dêle. Sua mão esquerda faz movimentos indecorosos dentro do bolso da calça. O aguilhão do sexo...

Também Alfredo, é natural, sofre o mesmo acréscimo repentino do apetite sexual. Mas êste sabe conter-se.

- Tá prá nosco! - exclama Alfredo, com um sorriso convicto nos lábios e uma chama de esperança nos olhos.

- Si tá! - concorda Fornalha.

Em poucos minutos, as garotas estão de volta. Dá-se então um duplo "flirt": Alfredo X "Peixe" e Fornalha X "Sapato". Um "flirt" intermitente, acompanhado de risinhos pudicos e movimentos sensuais de lábios. E elas passam.

- Fornalha, topas abordar elas, quan-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

d'elas passar outra vez?

- Ora si topo!

Esperam, impacientes. Agora, ambas as mãos, de ambos os namoradores, dançam nos bolsos das calças. Fornalha - percebe-se isso logo - é um tipo muito mais afetado pela insatisfação dos prazeres sexuais que seu colega. Mexe-se de segundo em segundo. Vira-se ora para a direita, ora para a esquerda. As mãos trabalham... Está nervoso, bem nervoso. Uma pequena que passa por êle roça-lhe, nos braços cruzados sôbre o peito, os seios bamboleantes. Nossa! Fornalha vai às nuvens. E, por um prodígio da imaginação, vê, dentro da pele dessa garota, a figura esbelta da "Sapato". Com essa artificiosa caracterização de seu sub-conciente, seu gôso é muito maior. "O tremor brejeiro do pecado" - como disse um poetazinho da cidade - passa por todo o corpo do inexperiente conquistador.

O tempo passa. Porém o que não passa é a bela dupla que êles esperam. E êles estão doidinhos que elas voltem...

- Será que elas não vêm mais? - pergunta Fornalha, estirando um olhar que penetra nos vãos abertos entre os rapazes e moças que fazem o "footing". Alfredo não responde. Está aborrecido. Fornalha se cala, sem outra alternativa.

"Será que elas não vêm mais?" Essa frase ecoa na mente de Alfredo. Parte-se em dezenas e centenas de microscópicas "Será que elas não vêm mais?", que penetram na camada mais profunda do cérebro dêle. Dir-se-ia um fóco de micróbios dividindo-se em diminutas e múltiplas partículas, que darão origem a novos fócos. Em dado momento, Alfredo estoura de raiva:

- Ond'é qu'êsses diabos se meteram?

- Sei lá! - E a cara de Fornalha assume a aparência mais desconsolada dêste mundo. Agora, as mãos abandonam os bolsos. Estão quentes, suadas. A excitação cede lugar a um langor ancioso e desesperado. Êles não falam mais. Ficam por muito tempo calados.

Daí a pouco, as pequenas tornam a aparecer, mas - ai! - cada qual acompanhada pelo seu par - "Uns meninos de carinha lisa e fachada a la Tyrone", diz Alfredo. Os dois estão fulos de raiva.

- Engraçadinhas! - reclama Alfredo - Então por qu'é qu'elas tavam com toda essa frescura? Safadeza! Dá vontade de quebrar os cornos dêsses dois bobinhos visse que caras? Uns pintos! E essas vaquinhas convencidas, o qu'é qu'elas pensam que são? Filhas...

- Vamos pegar outras então.... - sugere Fornalha.

Mas a noite já vai alta. Não há mais "material" na rua do "footing". Êles vão para o café, esfriar sua raiva com uma limonada bem gelada...

A VERDADE SOB A MENTIRA

A.P.

Esta vida é uma droga, caro leitor. Não se pode nunca dizer uma verdadezinha nesta vida. Vá a gente propalar verdades por aí e veja então o que é que acontece: o mundo parece desabar sôbre nós; muita gente fica com raiva; alguns chegam até a nos detestar, sanguinolentamente, caro leitor. E o mais estranho é que, em geral, êstes "raivosos" são nada mais, nada menos que os "fiéis" seguidores da doutrina de Cristo - Êsse grande filósofo que aconselhava ao homem: "Ama ao próximo como a ti mesmo".

Eu, no entanto, sou um "próximo", caro leitor... Por que é então que êles não me amam? Será que já não creem mais nas palavras do grande Mestre? Não sei; o fato é que já não posso mais mais falar a verdade... Seria pesado demais para mim. Aliás, eu não tenho também compleição de atleta para andar brigando com tanta gente... Porisso você vai me desculpar, caro leitor: Já que não devo mais dizer verdades, eu vou dizer, então, mentiras... E aqui vai um punhado delas:

Primeira: A Igreja, essa fiel propagadora do Cristianismo, jamais maculou sua doutrina com perseguições, com atrocidades e com mortes: Às fogueiras da Inquisição que o provem...

Segunda: Os padres, êsses abnegados ministros de Deus, já sofreram as dores da fome e do desprêzo... Porisso êles acham que as misérias devem acabar...

Terceira: Durante um sermão, nós ouvimos tantas verdades que, ao sair da igreja, estamos crendo mais no Céu do que na terra... Mais no "certo" do que no "errado"...

Quarta: A Igreja é pobre, não é rica. Sua maior missão é velar pela alma dos homens; mòrmente pela alma dos humildes... A pobreza do Vaticano que o prove... E os mendigos de porta de igreja também.

Quinta: Sejamos todos pobres de espírito, caros leitores: "só os pobres de espírito alcançarão o Reino do Céu" (Diz o Clero...)

Sexta: Depois dêste artigo, os demônios me levarão para o Inferno. Mas não se incomodem não... Mandarei mais mentiras de lá...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

SE NÃO HOUVESSE...

S. M.

Se não houvesse mal,
O bem...
Que valor teria?
Se não houvesse vício,
A virtude...
Que importaria?

Se não houvesse infelicidade,
Uma palavra vã seria
A felicidade
Se não houvesse fealdade,
Não existiria
A beleza...

Porque,
Dessemelhantes,
Antagônicas, na aparência,
No fundo, se completam
E formam a existência.

Por isto, irmão,
Muda o mundo,
Mas o coração humano, não!

ENTRADA NO REINO DO CÉU

S. M.

Um dia - e a quem não acontecerá isso um dia? - morreram os nossos bons amigos M.B. e D.B. católicos praticantes que são, e de famílias católicas, compraram passagem direta para o céu - e de primeira, é bom salientar.

Na porta, recebeu-os um bom velhinho, secretário de São Pedro. Interrogou-os:

- Que desejam os senhores?

- Ora, que poderíamos desejar? diz M B., o eterno falador.

O velhinho vai a um armário, percorre grossos fichários, retira volumes e mais volumes de papéis, seleciona-os, e depois de classificados, os leva para São Pedro. Este, reclinado em sua poltrona, recebe com enfado o intruso.

- Que queres aqui? pergunta irado.

- Tem dois caras aí na porta, que estão querendo entrar.

- Vieram bem recomendados?

- Sim. Tiveram missas e todas as demais encomendas.

- Me deixa ver os papéis.

São Pedro, com aparente despreocupação, passa os olhos por aquele amontoado de papéis. Depois, vira-se para o secretário e diz:

- Manda entrar

E, quando êste vai executar a ordem:

- Olha aí: Antes porém, avisa para que não deixem o primeiro chegar perto dos simpatisantes do socialismo. E quanto ao segundo, tranca as onze mil virgens...

PIADAS EDIFICANTES

O Sr. Deputado Estivalet Pires, na Assembléia Estadual, discursava, cheio de gestos e batidas, querendo parecer o "tal". Um gaiato, irônico, comenta:

- Esti...valet não chegará a rei...

Um rapaz passeava no "footing", tentando arranjar algum "material", quando a chuva desabou.

- Que pena! - comenta êle.

Uma garota metida a humorista, que o escutava, diz, cheia de ironia:

- Quem tem pena é galinha.

E o rapaz lhe responde:

- Mas eu conheço muita galinha que não tem pena...

NUM ARMAZEM:

Êle (o ilustre N.R.F., o maior inspirador de piadas de Florianópolis) - Eu quero um queijo.

A caixeira (após ter posto o queijo na balança) - Pesa um quilo. Custa vinte e cinco cruzeiros.

Êle (desconfiado) - Isso aí tem um quilo mesmo?

Ela - Tem, sim senhor.

Êle (cortando o queijo) - Olha aqui! Só de furos tem mais de meio quilo!

A mendiga - Uma esmolinha, pela alma de seu pai!

O grã-fino - Cada um faça por si, minha senhora...

Um dos figurões da política catarinense, e por sinal, carola desenfreado, dizia numa roda de amigos, igualmente carolas:

- O povo de Florianópolis, que respira num ambiente de cristianismo, não sabe a perdição que vai por êste mundo materialista daí de fóra.

Nisto, um jovem que está não muito longe dêles, comenta:

- Não é à tôa que existem tantos tuberculosos por aqui!

MAIS VALE UM SÁBIO NÚ DO QUE UM BURRO VESTIDO...
MAS NÃO NA SOCIEDADE ATUAL...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina